

## Limites e possibilidades da interação social em comunidades do Facebook: o caso do grupo Direitos Urbanos | Recife

### Limits and possibilities of social interaction in Facebook communities: the case of the group *Direitos Urbanos* | Recife

**Micheline Dayse  
Gomes Batista**

Jornalista e doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

E-mail:

[micheline.batista@riseup.net](mailto:micheline.batista@riseup.net)

#### Resumo

As redes sociais digitais têm se caracterizado como espaços que propiciam as mais diversas formas de sociabilidade, com amplas possibilidades de estruturação de novas conexões e amizades. Também têm possibilitado a disseminação de informações de forma rápida e eficaz, potencializando a articulação de pessoas e movimentos. Neste trabalho, buscamos investigar quais são os limites e as possibilidades da interação social em comunidades do Facebook, tendo como objeto empírico o grupo Direitos Urbanos | Recife. Partimos da Análise de Redes Sociais (ARS) para examinar como se processam as relações de amizade e interação nesse espaço, considerando que são trocas mediadas pela tecnologia.

**Palavras-chaves:** Redes sociais. Comunidades on-line. Facebook. Interação social. Ação comunicativa.

#### Abstract

Digital social medias have been characterized as spaces that provide the most diverse forms of sociability, with ample possibilities for structuring new connections and friendships. They have also made it possible to disseminate information quickly and effectively, enhancing the articulation of people and movements. In this work, we investigate the limits and possibilities of social interaction in Facebook communities, having as empirical object the group “*Direitos Urbanos* | Recife”. We start from Social Network Analysis (SNA) to examine how friendship and interaction relationships are processed in this space, considering that they are relations mediated by technology.

**Keywords:** Social networks. Online communities. Facebook. Social interaction. Communicative action.

## Introdução

Apesar de ter sido concebida em 1969 como um aparato militar para evitar falhas no sistema de defesa dos Estados Unidos e possibilitar mais eficiência no intercâmbio de informações sobre a guerra fria, a internet foi ganhando novos contornos a partir da década de 1970 com a sua apropriação por centros de pesquisa, organizações sem fins lucrativos e empresas. Um dos fenômenos mais curiosos tem sido o surgimento de novas formas de sociabilidade. Desde os quadros de avisos eletrônicos (*Bulletin Board Systems – BBS*), as listas de e-mails, fóruns, *blogs* e *wikis*, chegando até as redes sociais digitais<sup>1</sup>, como Facebook, Instagram e Twitter, o que vemos são lugares de comunidade e cultura na forma de encontros on-line.

Sem dúvida, o potencial agregador dessas ferramentas é algo que demanda atenção, pois são espaços que podem propiciar amplas possibilidades de estruturação de novas conexões e amizades, ainda que fluidas e efêmeras. Tomemos como exemplo o Facebook, a maior plataforma de rede social do planeta com 2,9 bilhões de usuários (META, 2022)<sup>2</sup>. Uma das ferramentas disponibilizadas pela plataforma, os grupos, deu às comunidades condições para que pudessem desenvolver suas atividades on-line, entre elas a organização e a mobilização para diversos tipos de ação coletiva off-line. Uma das primeiras iniciativas deste tipo de que se tem notícia é a Passeata Nacional contra as FARC, que em 2008 conseguiu reunir 20 milhões de pessoas em centenas de cidades colombianas e dois milhões ao redor do mundo (KIRKPATRICK, 2011).

Esse mesmo fenômeno passou pelo norte da África, provocando a derrubada dos governos ditatoriais do Egito, Líbia e Iêmen; estendeu-se à Europa, com ocupações e greves na Espanha e na Grécia e revoltas nos subúrbios londrinos; atingiu o Chile, com a reivindicação pela educação pública e gratuita; e os Estados Unidos, com a ocupação de *Wall Street*. No Brasil, as Jornadas de Junho se multiplicaram por mais de 80 cidades – no Recife, o público foi estimado em 67 mil pessoas. Tudo articulado e organizado por meio das redes sociais digitais. Não se via

---

<sup>1</sup>Utilizamos a definição de rede sociais da internet dada por Boyd & Ellison (2007).

<sup>2</sup>A missão do Facebook é “Dar às pessoas o poder de construir comunidades e aproximar o mundo”, tradução livre para *Give people the power to build community and bring the world closer together*.

tamanha mobilização popular no país desde 1992, quando os “Caras Pintadas” saíram às ruas para exigir o *impeachment* do então presidente Fernando Collor.

Diversos autores têm se debruçado sobre essa onda de mobilizações e protestos articulados por meio das redes sociais digitais (ver, por exemplo, HARVEY *et al.*, 2012; CASTELLS, 2013; MARICATO *et al.*, 2013; HARVEY, 2014). No entanto, na maioria das vezes, o tema é discutido sob o ponto de vista do ativismo/ciberativismo, não aprofundando a questão da comunicação, que é a base dessas redes (RECUERO, 2010). Fala-se muito em empoderamento, em apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), mas quase não se discute como as pessoas que utilizam essas redes estão interagindo e se comunicando nesses espaços e quais são as peculiaridades desse fenômeno, que envolve a produção e a recepção de formas simbólicas mediadas pela tecnologia.

Perguntamos: quais são os limites e as possibilidades da interação social em um espaço que, apesar de público, organiza-se em torno do privado? Um ambiente que é marcado pelo controle e pela vigilância, aspectos que podem constranger a ação e a interação dos indivíduos? Podemos considerar o Facebook uma esfera pública, entendida por Habermas (1997, p. 92) como “uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões”? De acordo com este autor, a esfera pública seria o lugar privilegiado do agir comunicativo, modelo dialógico de ação em que as pessoas interagem, tendo a linguagem como meio possível de entendimento.

Mas as redes sociais digitais, como parte do mundo da vida, já foram contaminadas pela racionalidade instrumental e pelo individualismo. Então, como podemos pensar esse paradoxo? De um lado, temos uma importante ferramenta para a conexão de pessoas e para a disseminação de informações de forma rápida e eficaz, o que pode levar grupos e movimentos de todos os tipos ao empoderamento. De outro, temos um instrumento de controle e vigilância, que estimula o individualismo e a ação estratégica, os depoimentos privados e a exposição de si. Como compatibilizar, nesses espaços, as demandas instrumentais e individuais com as demandas emocionais e coletivas?

Suspeitamos que há, nos grupos do Facebook, uma dimensão comunitária que enseja mais participação e solidariedade, distinta da dimensão rede, fundada no

individualismo e na racionalidade instrumental, cuja essência é conectar e desconectar. Esta dimensão comunitária possibilitaria a ação comunicativa nesses espaços. Os grupos têm como objetivo, justamente, facilitar a conexão de pessoas que desejam compartilhar informações, imagens e/ou documentos sobre temas específicos, em um ambiente separado do *feed* ou da página inicial do(a) usuário(a). Isso não quer dizer que a ação estratégica é exclusiva do *feed* do Facebook e a ação comunicativa é exclusiva dos grupos que ele abriga. Os modelos de ação, como nos ensina Weber (2005), são tipos ideais, nada mais que conceitos heurísticos que nos ajudam a observar a realidade para que possamos compreendê-la. Pode-se dizer que um ou outro modelo predomina, mas geralmente aparecem misturados.

Em busca de respostas, debruçamo-nos sobre uma das muitas comunidades on-line existentes no Facebook, o grupo Direitos Urbanos | Recife (DU). O DU foi um dos principais articuladores do Movimento Ocupe Estelita (MOE), que dialoga com o que Harvey (2014) chama de “movimento de movimentos”, calcado em revoltas urbanas e protestos de massa articulados por meio das redes sociais digitais. Sua ação de maior visibilidade foi em 2014 com a ocupação do Cais José Estelita, área central do Recife, por um período de 50 dias, em protesto contra a construção de um megaprojeto imobiliário. Buscamos investigar como se processam as trocas relacionais e como se formam as redes de amizade e de interação no DU, estruturas e atores mais centrais, no intuito de contribuir para os estudos no subcampo da sociologia digital, com ênfase em redes sociais e comunidades on-line.

## **1 O DU e o direito à cidade**

O DU foi criado no Facebook em março de 2012, reunindo pessoas que já se conheciam face a face e eram membros de dois outros grupos existentes na mesma plataforma: “Salve o Caiçara” e “Lei Seca de Marília Arraes – Eu digo não”. Enquanto os grupos preexistentes discutiam questões urbanas específicas da cidade do Recife (o tombamento do Edifício Caiçara, na orla do bairro de Boa Viagem, e dois projetos de lei da então vereadora Marília Arraes, que visavam limitar o horário de funcionamento de bares e o consumo de bebidas alcoólicas nas ruas), o

DU tinha um escopo mais amplo. A ideia era unir forças para combater um modelo de cidade considerado excludente, predatório e violento.

O DU nasce a partir de uma audiência pública realizada no dia 12 de março de 2012 na Câmara de Vereadores do Recife, convocada para discutir a implantação de um novo projeto imobiliário para a capital pernambucana – o Novo Recife. Ele previa a construção de 13 edifícios, com alturas de 20 a 40 andares, no Cais José Estelita, área histórica da região central da cidade. Entre 2012 e 2014, o grupo realizou, sozinho ou em conjunto com outros movimentos e coletivos, pelo menos 15 eventos, sempre envolvendo uma intensa mobilização pelas redes sociais digitais – seis deles relacionados ao Cais José Estelita. A ação de maior visibilidade foi o “Ocupe Estelita 2014”, em que os ativistas permaneceram acampados no local por 50 dias, culminando com uma ação de desocupação violenta por parte da polícia. Ainda que o movimento não tenha conseguido impedir a implantação do projeto, retardou seu início por três anos e provocou seu redesenho, forçando o reescalonamento da altura dos prédios e a sua integração com áreas do entorno.

Em pesquisa realizada em maio de 2013 (BATISTA & FELIX, 2013), investigamos o perfil dos membros do DU. Dos 336 entrevistados, 74,4% tinham até 34 anos e 92% deles disseram conhecer outros membros pessoalmente, um dado muito interessante que indica uma alternância entre interações on-line e face a face. Os dados socioeconômicos indicaram serem pessoas com boa escolaridade e renda: 42,2% possuíam ensino superior completo e 39,9% pós-graduação; 45,7% ganhavam acima de três salários mínimos, com 26,5% recebendo acima de seis salários mínimos. Em relação à profissão/ocupação, das 69 categorias citadas, destacaram-se estudantes (27,3%), arquitetos/urbanistas (8,07%), funcionários públicos (6,83%), professores (6,83%), jornalistas (6,52%), *designers* (4,97%), sociólogos (2,8%) e advogados (2,48%). A maioria afirmou não participar de partidos políticos (90,72%) nem de movimentos sociais (62,42%), o que levou as autoras a concluir que:

O perfil do grupo muito se assemelha aos participantes das manifestações no Brasil e no mundo, em sua maioria: jovens, estudantes ou profissionais liberais, de classe média com um razoável grau de escolaridade, sem vínculos partidários ou engajamento em outros movimentos sociais, mas decididos a ir às ruas em busca de transformações sociais (BATISTA; FELIX, 2013, s/p).

Já vimos que o DU não é um fenômeno isolado. De alguma maneira, ele está inserido no processo de ampliação da esfera pública que se observa a partir da década de 1970, com a emergência dos novos movimentos sociais (MUTZENBERG, 2011) e vai muito ao encontro do que Harvey (2014) chama de “movimento de movimentos”, termo que utiliza para se referir às revoltas e aos protestos de massa articulados por meio das redes sociais digitais nas primeiras décadas do século XXI. Harvey compõe o rol de intelectuais que apoiaram o “Ocupe Wall Street”, em 2011, e também participou do “Ocupe Estelita” realizado em novembro de 2014, no Recife. Para este autor, a reivindicação do direito à cidade é um ponto comum nesses movimentos e as pessoas têm se engajado em massa porque o problema não seria individual e, sim, sistêmico (HARVEY, 2012, p. 58).

Carneiro (2012, p. 8) observa que esses movimentos urbanos representaram “uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais com reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua”. Isso acabou provocando uma revalorização do tema do poder local, a partir da reivindicação do direito à cidade. Como nos explica Fontes (2012, p. 153), desde a década de 1990, movimentos populares têm criado e consolidado espaços de democracia “a partir da construção da consciência cidadã, da incorporação dos valores universais da democracia no cotidiano da população”, em uma escala que é, ao mesmo tempo, local e global.

Cabe destacar que esse processo de *glocalização* está intimamente relacionado à expansão e à popularização das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Como afirma Castells (1999, p. 468), havia uma suposição de que a comunicação eletrônica reduziria a interação social face a face, mas não foi bem isso que ocorreu. Já no caso do Minitel francês da década de 1980, o aparato tecnológico acabou fomentando agregações sociais e manifestações de rua contra o governo. De forma ainda mais intensa, as redes sociais digitais vêm sendo utilizadas para informar, articular, organizar e mobilizar para ações off-line, geralmente caracterizadas pela ocupação de espaços públicos, como praças e prédios simbólicos ao redor do mundo. As redes sociais digitais, no final das contas, parecem amplificar o alcance e o poder de multiplicação desse fenômeno. Para Castells (2013, p. 8), trata-se de um processo de compartilhamento de “dores e esperanças no livre espaço

da internet”, em que redes são formadas a despeito das opiniões pessoais ou filiações organizacionais dos indivíduos.

Feita essa contextualização, discutiremos, sob o ponto de vista teórico, quais são os limites e as possibilidades da interação social em comunidades baseadas em plataformas de redes sociais digitais, considerando que esses espaços são orientados pelo individualismo e pela racionalidade instrumental, e até que ponto a abertura para uma ação mais comunicativa seria possível em um contexto em que a mediação pela tecnologia pode constranger o contato social, a comunicação e a criação de redes de relações.

## **2 A rede social como lugar do individualismo e da racionalidade instrumental**

Como contribuição ao entendimento do problema aqui proposto, discutiremos a seguir, ainda que de forma breve, a origem do conceito de redes sociais<sup>3</sup>, o desenvolvimento da abordagem teórico-metodológica que ficou conhecida como Análise de Redes Sociais (ARS) e algumas das principais mudanças ocorridas nas relações humanas desde o advento da modernidade, período que teria decretado, sob determinados aspectos, o fim das comunidades.

Nas Ciências Sociais, a ideia de que os indivíduos estão ligados uns aos outros por laços invisíveis surgiu ainda nos primórdios da Sociologia (FREEMAN, 2004). Comte, ao cunhar o termo Sociologia na primeira metade do século XIX, especificou duas propriedades do novo campo: a estática, com a investigação das leis da interconexão social, e a dinâmica, processo em que o crescimento das famílias dava origem a tribos e, as tribos, a nações. Diversos outros autores contribuíram, em alguma medida, para a formação do conceito de redes sociais. No entanto, as bases teóricas para o que se conhece hoje como ARS foram postas por Georg Simmel (Cf. FREEMAN, 2004; WELLMAN, 1988; FONTES, 2012).

---

<sup>3</sup>Entendemos rede “como uma estrutura formada por um conjunto de atores (nós) ligados uns aos outros por laços invisíveis, que agem de maneira interdependente, podendo ou não formar grupos ou subgrupos” (BATISTA, 2015, p. 100). Consideramos, ainda, que “Essa estrutura é, ao mesmo tempo, rígida e elástica, e por essa última característica pode se expandir indefinidamente, incorporando novos atores ou nós”.

Visto ora como precursor, ora como fundador da teoria das redes, Simmel ([1896] 1998a) observou que a economia do dinheiro havia substituído as antigas comunidades, como as corporações de tecelões, por associações de caráter puramente técnico. Nesta nova dinâmica, uma vez que não há um envolvimento pleno como na corporação medieval, podemos entrar e sair de grupos em uma relação de anonimidade, individualismo e independência. A possibilidade de pertencermos simultaneamente a diversos grupos, mesmo que fluidos e momentâneos, é chamada de “interseção dos círculos sociais” (SIMMEL, 1964), ou, na teoria das redes, de multiplexidade. Em cada um deles, somos envolvidos por uma teia de relações mútuas e dinâmicas, ideia que se aproxima do conceito de figuração desenvolvido por Norbert Elias (1994a, 1994b), no qual os indivíduos vivem enredados em uma teia móvel e dinâmica, cuja configuração muda a todo o instante uma vez que é resultado da interdependência entre esses mesmos indivíduos. Só podemos entender essa rede compreendendo que ela representa uma totalidade de fios individuais, que se unem em uma relação recíproca.

Essa multiplicidade de círculos referida por Simmel seria, então, uma espécie de pré-condição para o surgimento da noção de indivíduo (SOUZA, 1998, p. 11) e, por filiação, da individualidade. Círculo, em Simmel (1964), é sinônimo de grupo. O círculo social original é a família, seguido da vizinhança, ambos determinados pela proximidade geográfica. Fora desses dois círculos primários, o indivíduo estabelece contatos com base na similaridade de atividades, interesses etc., formando os círculos secundários, determinados por um propósito e baseados na racionalidade. Esses círculos sociais secundários são chamados de “comunidades de interesse” ou “associações voluntárias”, momento em que Simmel substitui o conceito de sociedade (*gesellschaft*) pelo de sociação (*vergesellschaftung*).

Ao preferir trabalhar com o conceito de sociação, ao invés de sociedade, Simmel separa o que seria uma mera agregação isolada de indivíduos das formas de ser e estar com o outro e para o outro que, segundo ele, pertencem ao conceito geral de interação. Cada indivíduo, ao mesmo tempo, gera efeitos sobre os outros e recebe efeitos dos outros, ideia bem próxima do funcionamento da rede social como conhecemos hoje, cujas características foram apontadas por John Barnes e Elizabeth Bott: foco nas relações padronizadas (em que cada alteração afeta o



comportamento de outros membros) e a ideia de estrutura (que pode ou não ser particionada em grupos) (Cf. WELLMAN, 1988).

Aparentemente, a tensão entre comunidade e individualidade é algo que persiste, ao contrário do que preconizou a Sociologia clássica, ao anunciar a substituição de uma forma pela outra. Ainda que não possamos vivenciar comunidade e individualidade ao mesmo tempo e de forma plena, sabemos que cada tipo de sociabilidade gera um padrão particular de vínculo social, como pontua Fontes (2012, p. 140). Wellman e Gulia (1999) lembram que, até a década de 1950, havia um receio de que a rápida modernização provocasse a perda da comunidade, deixando as relações mais transitórias, desconectadas e com menos capacidade de garantir apoio aos membros. “Desde então, técnicas sistemáticas de etnografia e pesquisa têm demonstrado a persistência da comunidade em vizinhanças e grupos de parentesco” (WELLMAN & GULIA, 1999, p. 169).

Mais recentemente, a Sociologia descobriu que a vizinhança e os laços de parentesco compõem apenas uma parte da totalidade das redes comunitárias, uma vez que o avanço das tecnologias de transporte e comunicação viabilizam relacionamentos a longas distâncias. Para Wellman e Gulia (1999), foi justamente essa revolução conceitual que permitiu definir comunidade (inclusive em sua versão on-line) em termos de redes sociais, e não mais em termos espaciais. Wellman e Leighton (1979, p. 367) defendem ainda que a perspectiva de rede seria mais apropriada para responder à questão da comunidade do que o tradicional foco na vizinhança. A análise de rede de comunidade parte da busca por vínculos sociais e fluxos de recursos e nos mostra que os laços fortes, ainda que continuem abundantes, raramente apresentam proximidade espacial.

Importante lembrar que, segundo o próprio Simmel (1964), o pertencimento a uma multiplicidade de grupos implica que os ideais de individualismo e coletivismo de aproximam na mesma extensão. A diferença em relação às comunidades tradicionais, é que o “cimento”, ou seja, aquilo que mantém os indivíduos coesos, é apenas um critério racional: solidariedade ou afinidade. Não há, necessariamente, laços de parentesco ou de vizinhança, como ocorria nas comunidades de antigamente. As comunidades de hoje, como observa Bauman (2003), não seriam mais naturais – são produzidas, provocadas artificialmente a partir de desejos e

objetivos comuns, como nos grupos do Facebook. Nesses espaços, em que vivemos uma multiterritorialidade, o território assume uma conotação simbólica<sup>4</sup>.

De acordo com Wellman (2001a), esse avanço das tecnologias de transporte e comunicação, na virada do século XIX para o século XX, iniciou uma transição entre as relações de comunidade porta a porta e as relações de comunidade lugar a lugar (casa/trabalho, por exemplo), fazendo emergir redes sociais múltiplas, sem um território específico. Segundo o autor, uma segunda transição estaria em curso, esta envolvendo laços entre agregados com âncora territorial e interações individualizadas e especializadas, trazendo a ideia de redes personalizadas (ou egocentradas) e, por assim dizer, do individualismo em rede. Interações entre vizinhos, que antes ancoravam a prática comunitária, cederam lugar a redes sociais pessoais que podem estar dispersas geograficamente.

Wellman (2001a) afirma que, neste movimento, a unidade primária de conectividade passou a ser o indivíduo, e não mais a família ou o grupo. Posteriormente, Wellman e Rainie (2012) avançariam na definição do conceito de individualismo em rede, definindo-o como um novo sistema operacional social, em oposição a sistemas sociais tradicionais, como famílias e comunidades. As pessoas usam ramos variados da sua rede para encontrar apoio, resolver problemas e melhorar seus conhecimentos e habilidades. O “novo mundo do individualismo em rede” é orientado por redes soltas e fragmentadas que já existiam antes da internet, mas agora foram potencializadas, pois:

Este é um tempo de indivíduos e suas redes, não de grupos ou famílias. As pessoas gastam seu capital de rede no apoio especializado dos membros da comunidade individual e não ‘na comunidade’ em si. A coletividade abrangente se tornou uma rede fragmentada e personalizada. Autonomia, oportunidade e regras incertas fazem o jogo da comunidade atual (WELLMAN, 2001b, p. 70).

Parte dessa ideia é compartilhada por Castells (2003, p. 107-108), para quem as “redes energizadas pela internet” provocaram uma ascensão do individualismo, tornando-o a tendência dominante na evolução das relações sociais nas sociedades contemporâneas. Para este autor, a internet é o suporte material para o

---

<sup>4</sup>A esse respeito, ver o conceito de multiterritorialidade desenvolvido por Haesbeart (2007).

individualismo em rede e as redes egocentradas estão substituindo as relações secundárias (centradas em associações) que, por sua vez, já tinham substituído as relações primárias (centradas em famílias e comunidades).

Compreender o deslocamento da comunidade para a rede seria, segundo Castells (2003, p. 106), um passo analítico necessário para entendermos as novas formas de interação social na era da internet. Com isso, o conceito de comunidade é também redefinido, com menos ênfase no aspecto cultural (compartilhamento de valores, organização social) e mais ênfase no papel de apoio a indivíduos e famílias, uma vez que “As redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais” (CASTELLS, 2003, p. 107).

### **3 A ação comunicativa e as brechas para a transformação**

Como contraponto, Maffesoli (1996; 2006) nos oferece um panorama desse processo de mudança social por outro prisma. Para este autor, estaria havendo, desde o fim do século XX, um processo de “desindividualização” perceptível, por exemplo, no surgimento de microgrupos, principalmente nas grandes cidades – que ele chama de “tribos urbanas”. O novo tribalismo se contrapõe ao individualismo narcísico, em que o sentimento de pertença é reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico e o social racionalizado (os interesses) é substituído por uma socialidade predominantemente empática. Nessa mudança de perspectiva, sobressai-se a identificação com um grupo, enquanto família ampliada, realçando valores arcaicos, como a proxêmica e o localismo.

As chamadas tribos urbanas não se mobilizam de acordo com o racional da lógica iluminista. Maffesoli (2006, p. 232) acredita que o afeto pode ter sua própria racionalidade, que seria a racionalidade das experiências compartilhadas, da linguagem corporal, da comunicação não verbal. Mesmo que teoricamente não seja possível fazer comparações, pode-se dizer que há uma aproximação desta ideia com o modelo de razão comunicativa proposto por Habermas (2011, 2012a, 2012b), para quem o projeto moderno ainda não está completo. Ele defende uma ideia mais ampla de emancipação e uma racionalidade mais aberta, diferente daquela dos séculos XVIII e XIX, para que as pessoas possam dialogar e reconhecer o outro.

A ação comunicativa seria, pois, a ação racional plena. Mas como esse tipo de ação pode se desenvolver em um ambiente essencialmente técnico como a internet e as suas plataformas de redes sociais, orientadas pelo individualismo e pela racionalidade instrumental? Há alguma brecha que permita transformar essa rigidez em diálogo e em solidariedade? Como tantos movimentos estão conseguindo se apropriar dessas redes para articular e mobilizar milhares de pessoas em torno de uma causa comum? Como o DU, em conjunto com outros atores sociais, conseguiu levar dez mil pessoas ao primeiro domingo do acampamento “Ocupe Estelita” em 2014?

Para Thompson (1998), precisamos compreender a comunicação mediada não somente em seus aspectos técnicos, mas principalmente em sua perspectiva cultural, considerando também o caráter significativo das formas simbólicas e sua contextualização social. As reflexões trazidas pela filosofia e pela Sociologia da técnica nos levam a crer que as regras de funcionamento dos artefatos técnicos são definidas pelo ser humano. A técnica, em si, é ambígua, como já pontuava Stiegler (1994, p. 17-18), e essa ambiguidade está muito presente nos estudos da teoria crítica. Marcuse (1999, p. 73), por exemplo, enxergava a tecnologia como “instrumento de dominação”, mas também como “uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais”. “A técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo” (MARCUSE, 1999, p. 74).

O viés adotado por Habermas, herdeiro tardio da Escola de Frankfurt, é emancipatório. A razão comunicativa tem um cunho comunitário e discursivo, sendo, ao mesmo tempo, livre, racional e crítica. Além disso, é orientada por normas sociais, enquanto que a ação racional e estratégica é orientada por normas técnicas. A linguagem, intersubjetivamente partilhada, seria o “meio de entendimento”, tendo como pano de fundo o mundo da vida.<sup>5</sup> Mas a mesma sociedade que abriga o mundo da vida abriga também sistemas autopoieticos que se alimentam da racionalidade instrumental, como o dinheiro e o poder, chamados de patologias do

---

<sup>5</sup>Habermas (2012b, p. 231) entende o mundo da vida como uma estrutura transcendental e intersubjetiva onde falantes e ouvintes se encontram. É utilizado pelo autor a partir do conceito de mundo da vida de Husserl, adotado por Alfred Schutz.

mundo contemporâneo. Para Habermas, apenas a solidariedade, a dimensão participativa e a inclusão do outro poderiam libertar o mundo desta “colonização”.

#### 4 Breves notas metodológicas

De modo geral, pode-se dizer que ainda há uma dificuldade nas Ciências Humanas e Sociais no tocante à abordagem empírica nas pesquisas pela internet, como ressaltam Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 17). Basicamente, essa dificuldade recai sobre o “como fazer”, “como aplicar” e “como pensar” metodologias que se mostrem eficientes e, ao mesmo tempo, garantam o devido rigor científico. Esse tipo de pesquisa é mais econômico, como preconiza Bryman (2008), mas também tem desvantagens, como a perda ou ausência do contato visual entre entrevistador e entrevistado. Não há uma receita de bolo e, muitas vezes, a metodologia vai sendo construída no próprio campo.

Neste trabalho, a internet foi o objeto (tema estudado), local de pesquisa (ambiente em que a pesquisa ocorre) e ainda o instrumento (ferramenta para coleta de dados). O recorte que trazemos aqui faz parte de uma pesquisa de doutorado mais ampla, realizada entre novembro de 2013 e novembro de 2014, envolvendo netnografia<sup>6</sup>, ARS e entrevistas em profundidade, em uma triangulação de técnicas quantitativas e qualitativas.

Para a parte de ARS, foco deste trabalho, consideramos atores os membros do DU que postaram, “curtiram” e/ou comentaram, e conexões das interações entre eles, isto é, as “curtidas” e os comentários. Utilizamos o aplicativo Netvizz (RIEDER, 2013), ferramenta que faz rastreamento de dados (*data crawling*) e gera arquivos de dados diretamente dos sites de redes sociais<sup>7</sup>, para extrair os dados das redes de conexões de amizades (quem é amigo de quem) e de interações (quem interage com quem), que foram processados com a ajuda do Gephi.

---

<sup>6</sup>Seguimos Kozinets (2012) na decisão de não utilizar o termo “etnografia virtual”, já que remete a algo que não é real, tampouco “webnografia”, “etnografia digital” ou “ciberantropologia”, por serem termos parciais, pois consideram apenas a parte da experiência on-line de indivíduos ou grupos.

<sup>7</sup>O Netvizz funciona integrado ao Facebook e extrai dados de redes pessoais, grupos e *fan pages* em referência ao *status* do usuário da plataforma (só é possível extrair dados de um grupo se o usuário for membro desse grupo, por exemplo) e em conformidade com a política de privacidade.

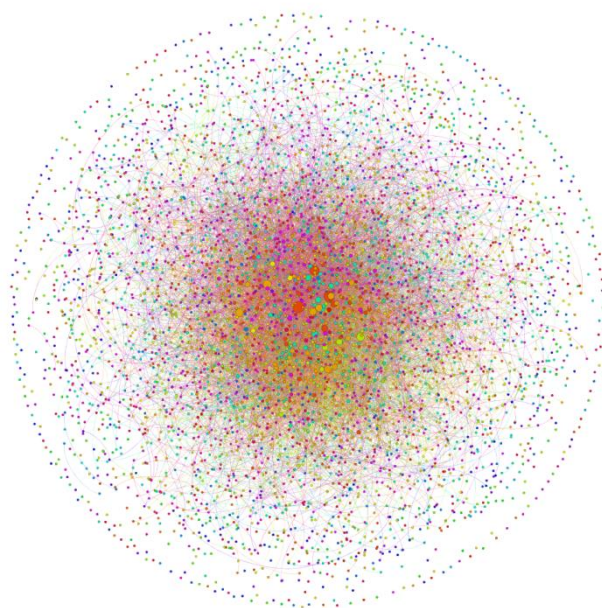
Também coletamos, manualmente, 40 postagens na página do grupo no período de 20 de novembro de 2013 a 27 de abril de 2014, a fim de fazer análise de conteúdo e verificar outras relações entre os atores. A partir da identificação dos autores de cada *post* coletado, montamos sociomatrizes para distinguir as relações entre as pessoas que curtiram e as que comentaram essas publicações. Os sociogramas foram processados com os *softwares* Ucinet e Netdraw (BORGATTI, EVERETT & FREEMAN, 2002). Para comparação das redes estudadas, analisamos grau médio, diâmetro, densidade, centralidade e cliques no nível rede (propriedades da estrutura). No nível nó, verificamos as medidas de centralidade, intermediação, *hubs* e autoridades.

## **5 As redes de amizade e de interação no DU**

A página do DU no Facebook representa um campo institucional no interior do qual se estrutura uma rede sociocentrada, formada tanto por laços fortes quanto fracos. A força desses laços não foi possível mensurar, mas seguimos algumas pistas. A primeira delas é saber se os membros dessa comunidade possuem algum laço de amizade no próprio Facebook, isto é, se são “amigos do Face”. A segunda é saber se interagem e em que medida interagem uns com os outros, curtindo e/ou comentando as publicações. A terceira é investigar quais são os atores que mais postam, os que mais curtem e os que mais comentam as publicações e quem são os nós centrais nesses processos.

Os dados das conexões de amizades extraídos com o Netvizz da página do DU no Facebook identificaram a existência de 4.799 nós (atores) e 8.542 arestas (relações), em uma amostra aleatória dentro da totalidade de membros do grupo, que na época da coleta girava em torno de 14 mil (Figura 1).

**Figura 1.** Grafo da rede de conexões de amizade no grupo DU.



**Fonte:** Elaboração própria.

Notamos, a partir das métricas dessa rede, que os membros do DU pouco se relacionam entre si. O grau médio é de 1,78, indicando que cada membro tem relação de amizade no Facebook com apenas dois outros membros da comunidade, em média. O diâmetro é 15, isto é, a distância entre o ator mais central e aquele mais periférico é de 15 passos (ou nós). Quanto maior o diâmetro, menos conectada é a rede. Quando olhamos a densidade dessa rede, que é zero (em uma escala de 0 a 1), isso fica ainda mais claro. O que temos é uma rede pouco viva ou com uma vida muito pobre. Quanto menor a densidade, maior a centralidade, que no caso dessa rede é 0,2363 (também em uma escala de 0 a 1), projetando uma rede mais verticalizada. Significa que são poucos os atores que estão bem conectados e que podem influenciar outros atores na rede. Em relação à métrica que apura a existência de subgrupos ou cliques, foi detectada uma modularidade de 0,584 e 1.293 subgrupos. Trata-se, portanto, de uma rede bastante fragmentada, multicentrada, em que as pessoas tendem a formar muitas “panelinhas”. Filtrando os dados pelo grau de cada ator, verificamos que menos de 10% dos membros considerados na amostra possuem mais de dez conexões de amizade dentro do grupo.

A segunda pista que seguimos é a rede de interações, extraída automaticamente pelo Netvizz dentre as 200 últimas postagens feitas na página do DU. Nesse universo, 2.850 usuários (nós) interagiram curtindo ou comentando. Foram identificados 7.921 comentários e curtidas, gerando 6.405 relações ou arestas (em que cada relação pode gerar mais de uma curtida e/ou comentário). Essa rede indicou grau médio de 2,247, significando que cada ator interagiu curtindo e/ou comentando o *post* de duas pessoas, em média. Rede de diâmetro 8, indicando ser um pouco mais viva do que a rede de conexões de amizade analisada anteriormente. A densidade é 0,001, ainda assim bastante pobre. Nessa rede, a centralidade é de 0,0196, sugerindo uma estrutura um pouco mais horizontal. Significa dizer que temos um grupo maior de atores mais bem conectados e com poder de influência sobre outros atores. Essa rede também é menos fragmentada, apresentando índice de modularidade de 0,451 e 19 subgrupos, porém os cinco maiores subgrupos são responsáveis por mais da metade das interações existentes nessa rede (Figura 2). Separando os atores pelo grau, verificamos que menos de 5% interagiram com mais de dez pessoas diferentes dentro do grupo.

**Figura 2.** Grafo da rede de interações no grupo DU.



**Fonte:** Elaboração própria.

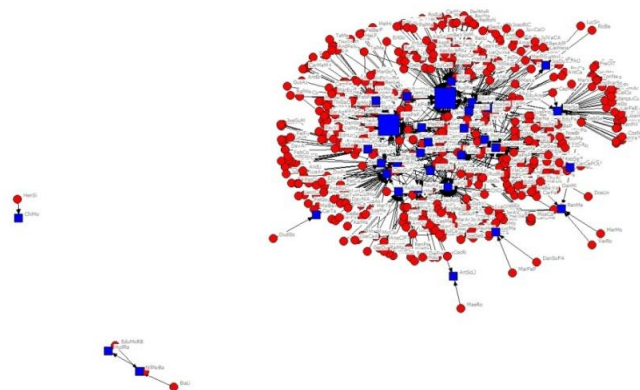


Em uma comunidade on-line há diversas possibilidades de interação, entre elas “curtir” e comentar. A “curtida” geralmente funciona como um endosso – a pessoa indica que concorda ou, pelo menos, que se identificou com o conteúdo postado. A própria dinâmica do Facebook nos leva a “curtir” postagens sem qualquer reflexão ou envolvimento na discussão. Já o comentário exige um pouco mais de investimento. É mais fácil curtir do que comentar. É preciso refletir minimamente antes de escrever e quem comenta pode ter curtido ou não a postagem. Então, pode ser um endosso, mas também uma posição contrária.

Postar exige um investimento ainda maior do que comentar, pois cada *post* ajuda a formar opinião. Os membros que postam, na prática, estão pautando o grupo, colocando na mesa o que deve ou não ser discutido. Esses pontos precisam ser relevantes e em consonância com o leque de interesses da comunidade, do contrário podem ser ignorados ou até mesmo apagados pelos moderadores. Analisando 40 postagens publicadas entre 20 de novembro de 2013 e 27 e abril de 2014 na página do DU no Facebook, chegamos a duas outras redes: a rede dos que mais postaram e dos que mais curtiram (autores x curtidores); e a rede dos que mais postaram e dos que mais comentaram (autores x comentadores). Os dados coletados, desta vez, permitiram-nos identificar os atores mais centrais do DU.

A partir das 40 postagens analisadas, identificamos 33 autores diferentes. Sozinhos, quatro desses 33 autores foram responsáveis por 10 das publicações, o que nos leva a inferir que são poucos os membros do DU que publicam. Poucos postam muito, provendo informações para o grande grupo. Esses poucos não são exatamente apenas os moderadores do grupo, mas percebe-se que esses postam com muita frequência. O número total de curtidas chegou a 896, envolvendo 33 autores e 560 curtidores. As curtidas em cada *post* variaram de 1 a 120, com média de 22,4 curtidas por *post*. Considerando que o DU possuía, à época, cerca de 14 mil membros, identificamos que apenas 4% deles interagiram curtindo as postagens de seus pares – na Figura 3, os autores são representados com quadrados azuis.

**Figura 3.** Grafo da rede de interações entre autores e “curtidores”.



**Fonte:** Elaboração própria.

Essa rede possui 593 nós e 1.056 relações possíveis, com grau médio de 1,42, indicando que cada membro interagiu com outros dois, em média, curtindo suas postagens. Já a densidade é de 0,0027, em uma escala que varia de 0 a 1, sugerindo que esta rede é um pouco mais viva e mais rica do que a rede de conexões de amizades e a rede de interações analisadas anteriormente. Curiosamente, a centralidade dessa rede é 0,6753, paradoxalmente maior do que a densidade, indicando que, apesar de ser uma rede mais densa, é também uma rede mais verticalizada.

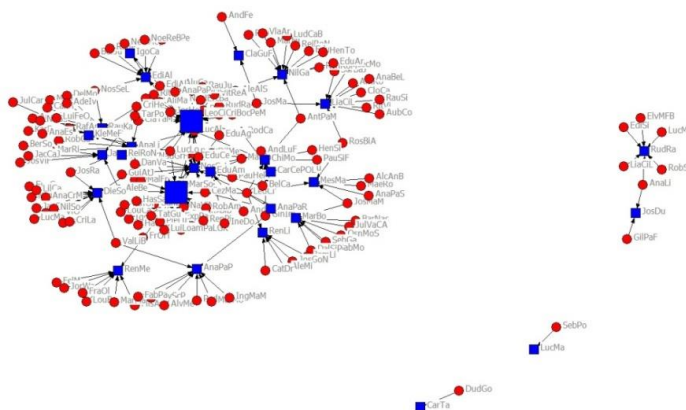
Adentrando no nível nó, percebemos uma maior centralidade *indegree* (isto é, a soma das conexões que os autores dos *posts* recebem) em seis atores mais centrais, dos quais três são administradores do grupo, com destaque para LeoCi (140) e AnaPaP (120). Analisando o grau de intermediação (*betweenness*), que expressa a possibilidade que um nó tem de intermediar as comunicações entre pares de nós, verificamos os maiores valores para os dois atores já citados: LeoCi (6.922) e AnaPaP (1.398). Também se destacou LiaCiL (1.040)<sup>8</sup>. Em relação aos *hubs* (nós que referenciam várias autoridades, unindo-as), outra medida de centralidade, também se destacam LeoCi (0,670) e AnaPaP (0,461), além de RudRa (0,368), outro administrador.

---

<sup>8</sup>Os valores indicam o número de vezes em que esses atores atuaram como “pontes” entre vários e diferentes grupos de nós.

Todos os 40 *posts* analisados foram curtidos, mas apenas 31 (77,5%) foram comentados, totalizando 437 comentários, sendo 11 comentários, em média, por *post*. Essa rede envolve 27 autores e 154 comentadores (Figura 4). Considerando um universo de cerca de 14 mil membros, temos uma parcela ainda menor de atores (pouco mais de 1%) que interagiram comentando as postagens de seus pares.

**Figura 4.** Grafo da rede de interações entre autores e comentadores.



**Fonte:** Elaboração própria.

Esta é uma rede com 181 nós e 702 relações possíveis, com grau médio de 1,138. Isso significa que cada ator interagiu com apenas um autor, em média, comentando sua postagem. A densidade é 0,0087, três vezes maior do que a verificada na rede de interações entre autores e curtidores. Já a centralidade é de 0,7002, sugerindo uma rede bastante verticalizada, com grupo menor de atores bem conectados e com poder de influência sobre outros atores. Essa rede é claramente mais viva e mais rica do que a anterior, pois é mais conectada, embora em um grau ainda distante de uma rede completa, de densidade 1, em que todas as relações possíveis seriam efetivamente estabelecidas. Ainda, trata-se de uma rede mais centralizada, em que poucos atores dão as cartas, e menos fragmentada. No nível nó, a maior centralidade *indegree* foi identificada nos indivíduos LeoCi (29) e MarSo (26), outro administrador (na Figura 4, os dois quadrados azuis maiores). Em relação ao grau de intermediação, verifica-se maior destaque para LeoCi (1.987), também maior *hub* desta rede, com coeficiente 0,710.

Em resumo, analisando essas duas últimas redes (Figuras 3 e 4), concluímos que LeoCi recebeu, ao mesmo tempo, o maior número de curtidas (140) e também o maior número de comentários (29), seguido por AnaPaP, com o segundo maior número de curtidas (120), e MarSo, com o segundo maior número de comentários, lembrando que os três eram administradores do grupo na época da coleta desses dados. LeoCi é, ainda, o autor com maior grau de intermediação e o maior *hub* das duas redes analisadas. Segundo Barabási (2009), quanto mais conectado o nó, maiores as chances de aumentar suas ligações – no modelo *Power Law*, os ricos ficam cada vez mais ricos. Pode-se dizer, ainda, que esses três indivíduos, posicionados de forma central nessas redes, possuem maior visibilidade, maior reputação e maior autoridade (RECUERO, 2010), em relação aos demais membros do grupo. Juntos, eles têm um capital social alto que contribui para a formação do capital social do grupo como um todo.

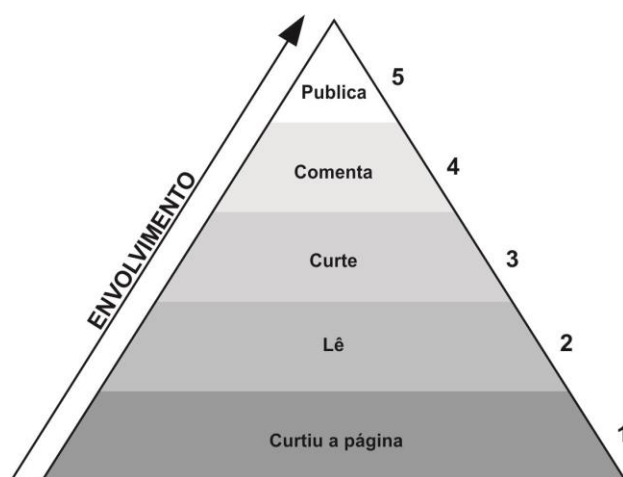
Os dados das quatro redes apresentadas (conexões de amizade; interação; interação entre autores e curtidores; e interação entre autores e comentadores) nos possibilitaram desenhar uma tipologia das interações possíveis nos grupos/comunidades do Facebook. Como vimos, os dados mostram que são poucos os membros do DU que possuem relação de amizade no Facebook com outros membros – em média, cada um tem relação de amizade com outros dois membros. Os dados mostram, ainda, que cada membro interage, seja curtindo ou comentando, com apenas dois outros membros, em média. Ambas estão distantes do que poderia ser considerada uma rede completa, altamente conectada.

Ao olharmos de forma mais atenta para as relações entre autores, curtidores e comentadores, concluímos que o nível de interação é relativamente baixo no DU. São poucos os membros ativos. É mais fácil curtir do que comentar e é mais fácil comentar do que publicar. São poucos os que curtem (4%) e menos ainda os que comentam (pouco mais de 1%). Fora isso, são poucas as pessoas que postam.

Para ilustrar essas relações, sugerimos a figura de uma pirâmide (Figura 5), em cuja base (nível 1) estão os membros que apenas seguem a página do grupo, mas não costumam acessá-la. No nível 2 estão representados os membros que participam

do grupo apenas lendo as postagens, sem interagir, isto é, sem curtir ou comentar<sup>9</sup>. No nível 3, são considerados os membros que, além de ler as publicações, interagem com elas através do botão “curtir” do Facebook. É um degrau a mais no envolvimento, pois a curtida geralmente funciona como um endosso. Já no nível 4, estão aqueles que, além de ler e curtir, também comentam as postagens, indicando um maior envolvimento com a comunidade. Por fim, no nível 5, estão aqueles que leem, curtem, comentam e também publicam, ocupando o topo da pirâmide. São poucos, mas quando publicam, pautam o grupo e ajudam a formar opinião. Não só o investimento é maior, como também o seu envolvimento com o grupo.

**Figura 5.** Níveis de interação social em comunidades do Facebook.



**Fonte:** Elaboração própria.

Nesta tipologia, quanto maior o nível de interação, maior o envolvimento do membro com a comunidade. Sem um estudo mais aprofundado, não é possível inferir uma relação entre esse maior envolvimento e a progressão da participação em comunidades on-line proposta por Kozinets (2012, p. 28), que vai da simples troca de informações até a adoção das normas culturais do grupo e a coesão cultural. Essa relação, aqui, é apenas pressuposta. Pressupomos que um maior envolvimento dos membros, somado ao tempo e ao número de comunicações, poderia levar a um aumento do compromisso com o grupo e à coesão cultural.

---

<sup>9</sup>Em pesquisa anterior (BATISTA & FELIX, 2013) já constatávamos que a maioria dos membros (63,6%) apenas lê/acompanha as postagens feitas no grupo.

## Considerações finais

Os dados da pesquisa empírica mostram que a comunidade do DU no Facebook, com cerca de 14 mil membros, não é tão viva quanto parece. Isso pode indicar que a interação social, neste ambiente, oferece mais limites do que possibilidades. Observamos que são poucos os atores que possuem relação de amizade com outros membros e, aqueles que possuem, relacionam-se com apenas dois outros membros, em média. Além de pouco viva, a rede de amizade é muito fragmentada. O nível de interação também não é muito significativo, pois quem interage, seja curtindo ou comentando as postagens, também o faz com apenas dois outros membros, em média.

Vimos que são poucos os membros do DU realmente ativos. Uma parte considerável apenas curtiu a página do grupo, mas não acompanha as postagens, não curte e nem comenta. O grupo dos que costumam postar é ainda menor e são esses que acabam pautando o debate – geralmente, os próprios administradores. Percebemos, assim, que há uma distância significativa entre o que é ser membro e o que é participar, efetivamente, de uma comunidade on-line. Para que um envolvimento maior se estabeleça, levando da curiosidade inicial à coesão cultural, seria necessário um fluxo de comunicações mais frequente ao longo do tempo, como explica Kozinets (2012).

Os dados da netnografia contidos na tese de doutorado, ainda que não tenham sido detalhados aqui por uma limitação especial, mostraram que há um fluxo intenso de postagens – a média diária de *posts*, ao final de um ano, foi de quase 50 – mas indicou, também, que esse fluxo é caótico, dificultando a retenção de informações que poderiam ser relevantes. Tanto que foi criado um *blog* para armazenar informações que precisam ser retidas, sugerindo que a ferramenta de grupos do Facebook é insuficiente para as atividades da comunidade.

No entanto, a despeito desse fluxo caótico e da baixa interatividade, essa ferramenta tem possibilitado ao DU conectar pessoas e trocar informações com rapidez, o que ajuda na mobilização para suas ações off-line. As possibilidades para uma ação mais comunicativa e menos estratégica se abrem quando constatamos que o Facebook não é apenas um lugar de superficialidade e de exposição de si – há,

nesta plataforma de rede social, espaços que podem ser ocupados para discussão de problemas que atingem uma coletividade, tendo a linguagem como meio possível de entendimento.

## Referências bibliográficas

- BARABÁSI, Albert-László. **Linked: a nova ciência dos networks**. Leopardo Editora, 2009.
- BATISTA, Micheline Dayse Gomes. **Entre a rede e a comunidade: interação e comunicação nos grupos do Facebook – o caso do *Direitos Urbanos* | Recife**. Tese (Doutorado em Sociologia). UFPE, Recife, 2015.
- BATISTA, Micheline Dayse Gomes; FELIX, Vilma Barbosa. Direitos Urbanos | Recife: uma nova forma de articulação e participação política. XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología 2013. **Anais...** Asociación Latinoamericana de Sociología, Santiago do Chile, 2013.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 189-217.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. Ucinet 6 for Windows: Software for Social Network Analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.
- BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social networks sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13(1), article 11. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article/13/1/210/4583062>. Acesso em: 30 maio 2022.
- BRYMAN, Alan. E-research: using the internet as object and method of data collection. In: \_\_\_\_\_. **Social research methods**. New York: Oxford University Press, 2008, p. 627-659.
- CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação: rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David *et al.* **Occupy**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 7-14.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 1. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador Volume 1: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.
- FONTES, Breno Augusto Souto Maior. Redes sociais e poder local. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREEMAN, Linton C. **The development of social network analysis: a study in the sociology of science**. Vancouver: Empirical Press, 2004.

HABERMAS, Jürgen. Atores da sociedade civil, opinião pública e poder comunicativo. In: HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Volume II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p. 91-121.

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência como “ideologia”. In: HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, [1968] 2011, p. 45-92.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 1: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012a.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 2: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b.

HAESBEART, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Ano IX, nº 17, 2007, p. 19-45. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 30 maio 2022.

HARVEY, David et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo, 2012.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOZINETS, Robert V. **Netnography: doing ethnographic research online**. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore/Washington: Sage, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCUSE, Herbert. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MARICATO, Ermínia *et al.* **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

META. Meta Reports First Quarter 2022 Results. Menlo Park, California, 27 abr. 2022. Disponível em: <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2022/Meta-Reports-First-Quarter-2022-Results/default.aspx>. Acesso em: 12 maio 2022.

MUTZENBERG, Remo. Movimentos sociais: entre aderências, conflitos e antagonismos. **SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n. 09, v. 1, junho 2011, p. 127-143.



RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. *In: WebSci '13 Proceedings of the 5<sup>th</sup> Annual ACM Web Science Conference*, New York: ACM, 2013, p. 346-355.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: homesteading on the electronic frontier**. Cambridge/London: MIT Press, 2000.

SIMMEL, Georg. The web of group-affiliations. *In: \_\_\_\_\_*. **Conflict and the web of group-affiliations**. New York/London: Free Press, 1964, p. 125-195.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna (1896). *In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.)*. **Simmel e a modernidade**. Brasília; Editora Universidade de Brasília, 1998a.

SOUZA, Jessé. **Introdução: a crítica do mundo moderno em Georg Simmel**. *In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.)*. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

STIEGLER, Bernard. **La técnica y el tiempo, vol. 1: el pecado de Epimeteo**. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1994, p. 13-37.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Lisboa: Edições 70, 2005.

WELLMAN, Barry. Structural analysis: from method and metaphor to theory and substance. *In: \_\_\_\_\_; BERKOVITZ, S. D. (Org.)*. **Social structures: a network approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 19-61.

WELLMAN, Barry. Physical place and cyber place: the rise of personalized networking. **International Journal of Urban and Regional Research** 25, 2, 2001a, p. 227-252. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-2427.00309>>. Acesso em: 30 maio 2022.

WELLMAN, Barry. The persistence and transformation of community: from neighborhood groups to social networks. **Report to the Law Commission of Canada**, 2001b. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/2400271\\_The\\_Persistence\\_and\\_Transformation\\_of\\_Community\\_From\\_Neighbourhood\\_Groups\\_to\\_Social\\_Networks](https://www.researchgate.net/publication/2400271_The_Persistence_and_Transformation_of_Community_From_Neighbourhood_Groups_to_Social_Networks)>. Acesso em: 30 maio 2022.

WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. Net surfers don't ride alone: virtual community as community. *In: SMITH, Marc; KOLLOCK, Peter (Orgs.)*. **Communities in cyberspace**. London: Routledge, 1999, p. 167-193.

WELLMAN, Barry; LEIGHTON, Barry. Networks, neighborhoods, and communities: approaches to the study of the community question. *Urban Affairs Quarterly*, vol. 14, n° 3, mar. 1979, p. 363-390. Sage Publications.

WELLMAN, Barry; RAINIE, Lee. **Networked:** the new social operating system. Cambridge, MA: MIT Press, 2012.

**Recebido em:** 31 de maio de 2022.  
**Aceito em:** 10 de dezembro de 2022.

### COMO REFERENCIAR

BATISTA, Micheline Dayse Gomes. Limites e possibilidades da interação social em comunidades do Facebook: o caso do grupo Direitos Urbanos | Recife. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 90-115, ago./dez., 2022.